

## **Ano Europeu dos Cidadãos**

### **A família deve fazer parte da integração social do idoso**

Capacitar os mais idosos, para que eles próprios possam lutar pelos seus direitos é um dos princípios defendidos por Victor Nogueira, presidente da Amnistia Internacional e mais um dos oradores dos Encontros TENA 2013.

“As pessoas idosas devem ser agentes da sua própria integração social”, segundo defende Victor Nogueira, presidente da Amnistia Internacional (AI). No Ano Europeu dos Cidadãos, o responsável pela ONG relembra que se continua a ver os mais idosos “como descartáveis, que não têm nada a ensinar e que acabam por ser um «peso» para a sociedade”.

Estas atitudes são “totalmente reprováveis de todos os pontos de vista, nomeadamente a nível dos direitos humanos”. “São pessoas com um grande historial de vida, que passaram por várias situações difíceis – há pessoas que passaram pela II Guerra Mundial, pelo processo complicado da descolonização, pelos tempos de fome, entre outros”. Momentos da vida que os ajudaram a crescer e a aprender a viver nos bons e maus momentos, “o que é uma mais-valia para as gerações mais novas, principalmente numa altura em que vivemos numa conjuntura socioeconómica muito delicada”.

### **Capacitar quem já viveu muitos anos**

Victor Nogueira não se conforma com a ideia de que os mais idosos “não têm nada a dar à sociedade”. Bem pelo contrário. “Com toda a sua experiência de vida podem contribuir para o desenvolvimento da nossa sociedade. Somos todos cidadãos, logo novos e velhos têm um papel importante e o dever de melhorar o mundo onde viver”, frisa.

Apesar de estarem afastados da vida ativa, podem contribuir de outra forma para que possamos viver numa sociedade onde a união e o respeito pelos outros saiam do papel e se tornem em gestos concretos. E dá um exemplo. “Mesmo quem está limitado fisicamente, pode, por exemplo, aceder a um computador, ir ao site da Amnistia Internacional e ajudar no desenvolvimento de campanhas, assinar petições, entre outras atividades e ajudar aqueles que mais precisam”.

É esta atitude pró-ativa que deve ser incutida nos mais idosos. “Ter 65 ou mais anos não significa ser inútil, como infelizmente ainda se considera neste País”. Muito pelo contrário. “São pessoas que têm mais tempo para ser voluntários e um maior conhecimento da realidade. É importante ouvi-los, deixá-los partilhar a sua experiência e acabar com a ideia de que há uma luta entre novos e velhos”, afirma.

E continua: “Esta ideia de luta surge, sobretudo, quando se pensa em emprego. Ainda persiste a mentalidade de que os mais velhos estão a ocupar o lugar dos mais novos e isso não é verdade. Deixem as pessoas ser ativas, pois assim conseguem ter uma melhor qualidade de vida”. Um preconceito que, no entender do presidente da AI, deixa “marcas profundas numa sociedade”.

### **Apostar no voluntariado sem se descartar o papel da família**

Para Victor Nogueira, o voluntariado é essencial quando se fala na defesa dos direitos dos cidadãos com mais de 65 anos. “Estas pessoas devem ser ajudadas e os voluntários têm um papel essencial, principalmente quando estamos perante vidas muito complexas, como os idosos doentes, incapacitados em termos físicos e psíquicos, ou as situações de solidão e de dificuldades económicas”. As entidades estatais e a sociedade civil devem ter uma palavra a dizer em todos estes casos, “porque todos temos direito ao respeito e à dignidade, como cidadãos e seres humanos que somos”, sublinha.

Mas o voluntariado também pode e deve ser visto de outro ponto de vista. “Nem todos os idosos estão incapacitados e é após os 65 anos que se dispõe de mais tempo para ações de solidariedade”.

Paralelamente à responsabilidade social de uma sociedade, o presidente da AI relembra que a família e os amigos não devem descurar o seu papel na vida destas pessoas. “Infelizmente há quem prefira «descartar-se» dos seus familiares e amigos, passando o seu papel para voluntários”. Contudo, por melhor que seja um voluntário, “ninguém consegue substituir o papel de um familiar e de um amigo.”

Com a participação de todos, nomeadamente dos mais idosos, é possível “caminhar em comunidade para uma sociedade onde todos possam gozar os seus direitos como seres humanos, como cidadãos”.